

o prestígio

christopher priest

Tradução de Isabel C. Penteadó



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

P R E F A C I O

Das várias teorias que existem para explicar a existência ou a pertinência do Diabo, uma das mais reveladoras será aquela que deriva a palavra Satanás das antigas tradições judaicas e a classifica como atributo em vez de nome próprio: o adversário. Talvez tenha sido essa a melhor maneira de ir domesticando o homem, ao conferir-lhe um inimigo comum; contra quem, através de Deus, lutava. Um inimigo. Um rival. Um exército. Toda a história posterior que estudou, aferiu e cambiou resultados em prol de orientações menos rigorosas e mais metafísicas acabaria por concluir que esta rivalidade, esta guerra, sempre foi boa para o negócio da fé e assim o continua a ser, tanto que o Vaticano tem ordens para, por estes dias, recuperar a figura do Diabo e equilibrar os números das hostes que correm porta fora, aceitando fés mais consentâneas com a voracidade material e espiritual dos tempos, que ora exigem o tudo ou o nada dos seus crentes e não uma dedicação avulsa que esbarra com os compromissos dos tempos.

Os Gregos viam os demónios como génios. Como fantasmas inspiradores que ocupavam as pessoas e as levavam mais longe no seu caminho lírico ou filosófico. Nem o Diabo, enquanto adversário ou génio; nem as lutas pela credibilidade da fé e dos números; nem do Vaticano e seus apeteceíveis segredos e orientações; nada disso é assunto deste livro. Nenhuma destas coisas. Mas dão jeito a um certo enquadramento, porque nada explica melhor a natureza do homem do que as figuras que ele inventou para o representar, e que, como vamos ver, são de tal modo imensas essas invenções de coisas, pessoas, bestas ou simplesmente ilusões que não as conseguimos sequer conter, quanto mais controlar.

Esta é uma história à antiga com uma narrativa que se teletransporta entre dimensões que nem sempre entendemos ou conseguimos seguir. O segredo para ler este livro não é invocar a história do Diabo, mas usá-la como exemplo para relacionar o que se conta nestas páginas. Um drama

mágico, cujo fogo eterno de uma rivalidade imparável e irreparável leva a consequências pessoais, familiares e de carreira a quem nem a magia tirou a sua brutalidade.

Comecemos, pois, por pôr as coisas em perspectiva.

Atribui-se à sabedoria popular dos leitores que ninguém lê prefácios. Aliás, eles são escritos depois e mandados à frente, tipo lebre. Nunca ninguém, ou quase ninguém, se lembra deles porque ou simplesmente não os lê ou apenas lhes passa uma diagonal por cima. O fino equilíbrio entre não entrar no maldito reino dos *spoilers*, mostrar uma leitura meritória do tema e essa sensação de vazio, tipo locutor de rádio a emitir de uma caravana no deserto, pelas ondas, sem destinatário possível, não facilita as coisas deste lado. Mas ainda não desisti.

O que é notável também n' *O Prestígio* é que tanta magia, engodo, descoberta, método, competição e tragédia não lhe retiram o seu cariz profundamente humano: o do mal-entendido, talvez a praga mais furiosa na origem das grandes guerras, pestes e divórcios. Essa hesitação do nosso grande e universal coração é algo quase sufocante nestas páginas. Faz-nos querer entrar no jogo e avisar, reparar, colocar no caminho certo. Qualquer livro que nos dê uma sensação de aperto é um bom livro. É inútil repeti-lo.

Essa humanidade é por demais evidente nos dois mágicos, cientes e sedentos de altos voos, de contrariar a lógica do mundo, do corpo, da viagem e que, na sua febre, vão aniquilando tudo à sua volta. Uma flor subatômica de devastação que se acumula lentamente nas páginas e deixa rasto. Uma trilha feita de fantasmas da autodescoberta, da perseguição de uma sensação de sermos mais que só um, e como os destinos se cruzam magicamente, penando pelas salas de espectáculo, pelos itinerários destrançados, pelos truques que deixam marcas que nos perseguem vida fora.

Caramba, não vos consigo mesmo colocar no bom caminho sem vos impingir a minha própria leitura. Como se estas palavras fossem também elas resquícios de algo. Fantasmas. Lá estou eu a dar pistas. Façamos de outra coisa que não deste livro. Façamos da sua importância, da discussão ardente de que foi sempre alvo, do David Bowie a fazer de Tesla, e de como este nome é importante para entendermos as duas men-

tes que se enfrentam, as suas personalidades. Falemos de como anexar livros à grande circulação de jornais ajuda a descodificar esse mito de contornos, por vezes, sobrenaturais de que ninguém se interessa muito por ler este tipo de ficção, do género daquela ficção que adjectiva em vez de substantivar. Esta ficção. É mais um dos segredos bem guardados de um país que se manda como leão às histórias «bonitas e simples», cheias de «amor» e «moral» para dar. Aos romances histriónicos que arrancam aos jazigos dos visados sensações de horror *post mortem*, dignas de qualquer Lovecraft. Os outros leitores, arrumados a um canto, fazem encontros clandestinos e reivindicam publicações que não cabem nos cabazes de Natal literários. O *mainstream*, o dar espectáculo *versus* a prossecução do caminho teórico, do estudo, da criação balizada por princípios provenientes do erro na procura da verdade, é um ambiente que interessa evocar da leitura d'*O Prestígio*.

O nosso quotidiano, a política que se instala nas relações familiares, profissionais e literárias, padece de um dilema, de uma luta igual. Contra a banalização de uma arte, um ofício ou um sentimento ou a favor do seu contrário, um ordenhar desenfreado de um filão que acaba por desenhar regras de execução que aproximam o criador demasiadamente perto de um operário fabril, numa linha de montagem cujo objectivo final é muito mais entreter do que convidar o leitor ou espectador à inocência do espanto ou ao aprofundar do entendimento/encantamento. Por isso, como também é feito disto, livros como este, tão rigorosos mas ao mesmo tempo tão armadilhados de sentidos, constituem um acto positivo de boa saúde mental, porque entretêm com a profundidade de um drama humano num cenário e numa acção toda ela desafiadora desses mesmos limites que, mais por destino do que por artes mágicas, os conduzem a situações de profundo constrangimento.

Começamos há um par de anos a tornar a ouvir falar de Nikola Tesla. Contemporâneo à história d'*O Prestígio*, o herói inventor (nascido na actual Sérvia) fez muito mais que antecipar o futuro. Enquadrou esse futuro num ambiente de responsabilidade social, muito diferente do que o seu antagonista Edison faria, numa guerra de valores que cada vez se vê menos entre Europa e América, uma Europa que olhava pela comunidade, uma América que inflava o lucro do individualismo capital. Quem ficou na obscuridade foi o anjo de luz. Valores. Valores que justificam tudo e que quantas vezes se digladiam na disputa das perso-

nagens e de quem é arrastado na corrente e nós aqui deste lado a ler uma narrativa tão bem feita que nos permite aceder como prudentes jurados à razão de quem parece prevaricar. Acho mesmo que este meter-nos dentro da intriga que nem assim ganha esse sentido mais traiçoeiro que tem hoje, estas letras que se enfiam por dentro das nossas camisolas de Inverno, enquanto chove lá fora, era só isto que queria dizer.

Os bons livros lêem-se por dentro. Do que é que estão à espera?

Fernando Ribeiro/Moonspell

Para Elizabeth e Simon

PRIMEIRA PARTE

ANDREW WESTLEY



Tudo começou num comboio que se deslocava para norte através de Inglaterra, embora eu em breve viesse a descobrir que, na realidade, a história começara mais de cem anos antes.

Eu não tinha qualquer consciência disto na altura: estava de serviço, a seguir uma notícia sobre um incidente numa seita religiosa. Sobre o colo levava o espesso envelope que recebera do meu pai naquela manhã, ainda fechado, porque quando ele me telefonara para me falar do assunto os meus pensamentos encontravam-se noutra lugar: uma porta de quarto a bater, a minha namorada prestes a deixar-me. — Sim, pai — dissera eu, enquanto a Zelda passava furiosa com uma caixa cheia com os meus CD. — Envie-mo por correio que eu dou uma vista de olhos.

Depois de ler a edição matinal do *Chronicle*, e de ter ido buscar uma sanduíche e um café instantâneo à carrinha dos refrescos, abri o envelope. Lá dentro vinha um livro de capa mole com um bilhete solto no interior e um envelope usado dobrado ao meio.

O bilhete dizia: «Querido Andy, aqui está o livro de que te falei. Acho que foi enviado pela mesma mulher que me telefonou. Ela perguntou-me se eu sabia onde estavas. Junto envio também o envelope em que veio o livro. O carimbo do correio está um pouco esborratado, mas talvez consigas lê-lo. A tua mãe adoraria saber quando é que nos vens visitar outra vez. Que tal na próxima semana? Com amor, Pai.»

Finalmente lembrei-me de parte do telefonema do meu pai. Ele dissera-me que o livro tinha chegado e que a mulher que o enviara parecia tratar-se de alguma parente afastada, porque tinha falado da minha família. Eu devia ter-lhe prestado mais atenção.

No entanto, ali estava o livro. Intitulava-se *Métodos Secretos de Magia*, e o autor era um tal Alfred Borden. Tinha todo o aspecto de se tratar de um daqueles livros instrutivos de truques de cartas, prestidigitação, ilusões envolvendo lenços de seda, etc. À primeira vista, o que mais me

interessou nele foi que, embora se tratasse de um *paperback* publicado recentemente, o texto parecia um fac-símile de uma edição muito mais antiga: a tipografia, as ilustrações, os títulos dos capítulos e o tipo elaborado de escrita sugeriam isso mesmo.

Não conseguia perceber porque me haveria de interessar por um livro daqueles. Só o nome do autor me era familiar: Borden fora o nome com que eu nascera, embora, quando fui adotado, este tenha sido alterado para o dos meus pais adotivos. O meu nome agora, o meu nome completo e legal, é Andrew Westley, e embora sempre tenha sabido que era adotado, cresci a pensar em Duncan e Jillian Westley como pai e mãe, amei-os como pais e comportei-me como filho deles. Tudo isto é ainda verdade. Não sinto nada pelos meus pais naturais. Não sinto curiosidade em relação a eles ou em saber porque me deram para adopção, e não tenho qualquer desejo de os localizar, agora que sou adulto. Tudo isso pertence ao meu passado distante, e eles sempre me pareceram irrelevantes.

Contudo, há um assunto respeitante ao meu passado que toca as raias do obsessivo.

Estou certo, ou para ser mais exacto, quase certo, de que nasci um de um par de gémeos idênticos, e que o meu irmão e eu fomos separados na altura da adopção. Não faço ideia porque aconteceu isto, nem onde poderá estar agora o meu irmão, mas sempre assumi que ele foi adoptado ao mesmo tempo que eu. Só comecei a suspeitar da sua existência quando estava a entrar na adolescência. Encontrei por acaso uma passagem num livro, uma história de aventuras, que descrevia a forma como muitos pares de gémeos se encontram ligados através de um elo inexplicável e aparentemente psíquico. Mesmo quando estão a centenas de quilómetros de distância um do outro, ou a viver em países diferentes, esses gémeos partilham sentimentos de dor, surpresa, felicidade, depressão, enviando essas sensações de um para o outro. Ler isto foi um daqueles momentos na vida em que de repente muitas coisas se tornam claras.

Durante toda a minha vida, desde que me lembro, tive a sensação de que há *outra pessoa* a partilhar a minha vida. Quando era criança, pensava pouco nisso e achava que todos os outros tinham a mesma sensação. À medida que fui crescendo, e percebi que nenhum dos meus amigos passava pelo mesmo, isso tornou-se um mistério. Por esse motivo, ler o

livro foi um grande alívio, já que este parecia explicar tudo. Eu tinha um gémeo algures.

O sentimento de ligação é de algum modo vago, uma sensação de alguém olhar por mim, até de me vigiar, mas por outro lado é muito mais específico. O sentimento geral é o de uma constante presença de fundo, enquanto «mensagens» mais directas surgem apenas ocasionalmente. Estas são exactas e precisas, muito embora a comunicação propriamente dita seja invariavelmente não verbal.

Por exemplo, uma ou duas vezes, quando me embebedava, sentia a consternação do meu irmão a crescer dentro de mim, um receio de que algo de mal me pudesse acontecer. Numa dessas ocasiões, quando saía muito tarde de uma festa e me preparava para conduzir até casa, o lampejo de preocupação que me atingiu foi tão poderoso que me senti curar da bebedeira! Na altura tentei descrever isto aos amigos que estavam comigo, mas eles riram-se. Mesmo assim, naquela noite conduzi até casa inexplicavelmente sóbrio. Deve ser algum tipo de mecanismo mental que usamos sem compreender. Que eu saiba, nunca ninguém explicou isto de forma satisfatória, embora seja comum e esteja bem documentado entre gémeos.

No entanto, no meu caso há um mistério extra.

Nunca consegui localizar o meu irmão, no que diz respeito a registos oficiais nunca tive qualquer espécie de irmão, muito menos um gémeo. Tenho lembranças intermitentes da minha vida antes da adopção, embora tivesse apenas três anos na altura, e não me recordo de todo de ter um irmão. O meu pai e a minha mãe não sabiam nada sobre o assunto; disseram-me que quando me adoptaram ninguém mencionou nada acerca de eu ter um irmão.

Como adoptados, temos certos direitos legais. O mais importante é estarmos protegidos dos pais naturais: não nos podem contactar através de nenhum meio legal. Outro direito é o de, quando atingimos a idade adulta, podermos inquirir sobre algumas das circunstâncias que envolvem a nossa adopção. Podemos procurar os nomes dos nossos pais naturais, por exemplo, e a morada do tribunal onde a adopção foi feita, e, desta forma, onde poderemos examinar registos relevantes.

Tentei seguir tudo isto assim que completei os dezoito anos, ansioso por descobrir o que pudesse sobre as minhas origens. A agência de adopção referiu-me o Tribunal do Condado de Ealing, onde esta-

vam arquivados os papéis e onde descobri que fora o meu pai a entregar-me para adopção e que o nome dele era Clive Alexander Borden. O nome da minha mãe era Diana Ruth Borden (cujo nome de solteira era Ellington), mas ela morrerá pouco depois de eu ter nascido. Parti do princípio que a adopção tivesse ocorrido devido à sua morte, mas na realidade não fui adoptado até dois anos depois de ela ter falecido, período durante o qual o meu pai me criou sozinho. O meu nome original era Nicholas Julius Borden. Não havia referência a qualquer outra criança, adoptada ou não.

Mais tarde consultei registos de nascimento na St. Catherine's House, em Londres, mas estes confirmaram que eu era o único filho dos Borden.

Ainda assim, os meus contactos psíquicos com o meu gémeo persistiram durante tudo isto, e mantêm-se até hoje.

O livro tinha sido publicado nos Estados Unidos pela Dover Publications e era um *paperback* atraente e bem produzido. A imagem da capa ilustrava um mágico em traje de gala com as mãos expressivamente apontadas para um armário de madeira, do qual emergia uma jovem. Ela tinha um sorriso deslumbrante e uma vestimenta que para a época poderia ser considerada atrevida.

Por baixo do nome do autor estava impresso: «Editado e comentado por Lorde Colterdale.»

No fundo da capa, a negrito branco, estava a frase publicitária: «O Famoso Livro dos Segredos Protegido por Juramento.»

Havia um resumo publicitário mais extenso e descritivo na contracapa:

Originalmente publicado em Londres em 1905, pelos editores especialistas Goodwin & Andrewson, este livro foi vendido apenas a mágicos profissionais que estavam preparados para jurar um voto de sigilo acerca do conteúdo. Exemplos da primeira edição são agora extremamente raros e praticamente impossíveis de obter por parte do leitor comum.

Pela primeira vez disponível ao público, esta nova edição é uma versão totalmente integral e contém todas as ilustrações originais, bem como os comentários e texto suplementar do

britânico Conde de Colderdale, um notável amateur de magia contemporâneo.

O autor é Alfred Borden, inventor da lendária ilusão O NOVO HOMEM TRANSPORTADO. Borden, cujo nome artístico era Le Professeur de la Magie, foi o ilusionista mais famoso da primeira década deste século. Encorajado desde jovem por John Henry Anderson, e protegido de Nevil Maskelyne, Borden foi contemporâneo de Houdini, David Devant, Chung Ling Soo e Buatier de Kolta. Tinha base em Londres, Inglaterra, mas viajava frequentemente pelos Estados Unidos e pela Europa. Embora não seja estritamente um manual de instruções, com a sua análise abrangente de métodos de magia este livro trará tanto a leigos como a profissionais conhecimentos surpreendentes da mente de um dos maiores mágicos de sempre.

Era divertido descobrir que um dos meus antepassados fora mágico, mas eu não tinha nenhum interesse especial pelo assunto. Por acaso até acho certos tipos de ilusionismo entediantes; especialmente truques com cartas, mas também muitos outros. As ilusões que por vezes vemos na televisão são impressionantes, mas nunca me senti curioso acerca da forma como os efeitos são realmente conseguidos. Recordo-me de alguém me dizer uma vez que o problema com a magia era que quanto mais um mágico protege os seus segredos, mais banais estes acabam por se revelar.

O livro de Alfred Borden continha um longo capítulo sobre truques de cartas, e outro descrevia truques com cigarros e moedas. Cada um era acompanhado de desenhos explicativos e instruções. No final do livro havia um capítulo sobre magia em palco, com muitas ilustrações de armários com compartimentos ocultos, caixas com fundos falsos, mesas com mecanismos de elevação escondidos atrás de cortinas e outros aparatos. Passei os olhos por algumas dessas páginas.

A primeira metade do livro não estava ilustrada, mas consistia numa longa narrativa sobre a vida do autor e num panorama sobre a magia. Começava com as seguintes palavras:

Escrevo no ano de 1901.

O meu nome, o meu verdadeiro nome, é Alfred Borden. A his-

tória da minha vida é a história dos segredos que têm regido a minha vida. São descritos nesta narrativa pela primeira e última vez; este é o único exemplar.

Nasci em 1856 no oitavo dia do mês de Maio, na cidade litoral de Hastings. Fui uma criança saudável e vigorosa. O meu pai era um comerciante daquela cidade, um tanoeiro e mestre carpinteiro de rodas. A nossa casa...

Imaginei por instantes o escritor deste livro a preparar-se para começar a sua biografia. Por nenhum motivo em particular, visualizei-o como um homem alto de cabelo escuro, de rosto severo e de barba, ligeiramente encurvado, usando estreitos óculos de leitura, a trabalhar sob um feixe de luz lançado por um candeeiro solitário posicionado ao lado do cotovelo. Imaginei o resto da casa num silêncio deferente, deixando o mestre em paz enquanto escrevia. A realidade seria sem dúvida diferente, mas é difícil libertarmo-nos dos estereótipos dos nossos antepassados.

Perguntei-me que relação teria Alfred Borden comigo. Se a linha de descendência fosse directa, por outras palavras, se ele não fosse um primo ou tio, então seria meu bisavô ou tetravô. Se nascera em 1856, estaria na casa dos quarenta na altura em que escrevera o livro; parecia-me então provável que não fosse pai do meu pai, mas de uma geração anterior.

A Introdução estava escrita num estilo muito parecido com o do texto principal, com diversas explicações longas acerca de como o livro surgira. O livro parecia basear-se no caderno de anotações pessoal de Borden, não destinado a publicação. Colderdale expandira consideravelmente e clarificara a narrativa, e acrescentara as descrições da maioria dos truques. Não havia mais dados biográficos sobre Borden, mas presumivelmente encontraria mais alguns se lesse o livro todo.

Não percebia como é que o livro me daria alguma informação acerca do meu irmão. Era ele o meu único interesse em relação à minha família natural.

Nesta altura, o meu telemóvel começou a tocar. Era Sonja, a secretária do meu editor, Len Wickham. Suspeitei imediatamente de que Len lhe pedira para me ligar para se certificar de que eu estava no comboio.

— Andy, houve uma mudança de planos acerca do carro — disse ela. — O Eric Lambert teve de o levar para reparar os travões, por isso está numa oficina.

Deu-me a morada. Tinha sido a disponibilidade deste carro em Sheffield, um *Ford* de elevada quilometragem famoso por avarias frequentes, que me impedira de ir no meu próprio carro. Len não autorizava as despesas se houvesse um carro da companhia à mão.

— O Tio disse mais alguma coisa? — disse eu.

— Tal como?

— É para continuar com esta reportagem?

— Sim.

— Chegou mais alguma coisa das agências?

— Tivemos uma confirmação por fax da Penitenciária Estadual da Califórnia. Franklin ainda está preso.

— Está bem.

Desligámos. Ainda a segurar no telemóvel, marquei o número dos meus pais e falei com o meu pai. Disse-lhe que estava a caminho de Sheffield e que de lá seguiria para a parte alta da cidade, e que se não houvesse problema com eles (claro que não), iria passar a noite lá em casa. O meu pai pareceu agradado. Ele e Jillian ainda viviam em Wilmslow, Cheshire, e agora que eu trabalhava em Londres, as minhas viagens para os visitar eram raras.

Disse-lhe que tinha recebido o livro.

— Tens alguma ideia de porque é que to enviaram? — perguntou ele.

— Não faço a mínima ideia.

— Vais lê-lo?

— Não faz o meu estilo. Já dei uma vista de olhos. Talvez volte a olhar para ele mais tarde.

— Andy, reparei que foi escrito por alguém chamado Borden.

— Sim. Ela disse alguma coisa quanto a isso?

— Não. Acho que não.

Depois de termos desligado, pus o livro na minha pasta e olhei pela janela do comboio para a paisagem campestre. O céu estava cinzento e a chuva começava a riscar o vidro. Tentei pensar no incidente que me tinham mandado investigar. Eu trabalhava para o *Chronicle*, mais especificamente como escritor de artigos de fundo, um título mais imponente do que a realidade. A realidade dos factos era que o meu pai era também jornalista e trabalhara anteriormente para o *Evening Post* de Manchester, um jornal irmão do *Chronicle*. Era para ele uma questão

de orgulho que eu tivesse conseguido o emprego, embora eu sempre tenha suspeitado de que ele mexeu os cordelinhos. Não sou um jornalista fluente, e não me tenho saído bem no estágio que estou a fazer. Uma das minhas maiores e velhas preocupações é um dia ter de explicar ao meu pai porque desisti do que ele considera ser um emprego prestigiante no jornal britânico mais importante.

Entretanto, prossigo a contragosto. Cobrir o incidente do local para onde me deslocava era em parte consequência de outra história que acompanhara alguns meses antes, acerca de um grupo de entusiastas de ovnis. Desde então, Len Wickham, o meu editor orientador, encarregava-me de qualquer história que envolvesse assembleias de bruxas, levitação, combustão espontânea, círculos em plantações e outros temas do estilo. Eu já tinha descoberto que, na maior parte dos casos, quando se investigava adequadamente estas coisas, não havia muito para dizer, e muitíssimo poucas das histórias que eu seguia eram publicadas. Ainda assim, Wickham continuava a mandar-me investigá-las.

Desta vez havia um dado inesperado. Com alguma satisfação, Wickham informou-me que alguém da seita telefonara para saber se o *Chronicle* planeava cobrir a história, e que se assim fosse me queriam pessoalmente. Tinham visto alguns dos meus artigos anteriores e achavam que eu mostrava o grau certo de cepticismo sincero, e que por isso podiam confiar em mim para fazer um artigo isento. Apesar disto, ou talvez por causa disto, parecia tratar-se muito provavelmente de outro fiasco.

Uma seita religiosa da Califórnia, intitulada Bem-Aventurada Igreja de Jesus Cristo, estabelecera uma comunidade numa grande casa de campo numa aldeia em Derbyshire. Um dos membros femininos morrera uns dias antes de causas naturais. A sua médica estivera presente, assim como a sua filha. Enquanto ela estava deitada sem se conseguir mexer, à beira da morte, entrara um homem no quarto. Este pusera-se ao lado da cama e fizera gestos tranquilizadores com as mãos. A mulher morrera pouco depois e o homem saíra imediatamente do quarto sem falar com as outras duas pessoas. Nunca mais foi visto. Contudo, tinha sido reconhecido pela filha da mulher, e por dois membros da seita que tinham entrado no quarto enquanto ele lá estava, como sendo o fundador da seita. Tratava-se do Padre Patrick Franklin, e a seita desenvolve-

ra-se ao seu redor por causa da sua anunciada capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

O incidente era digno de notícia por duas razões. Tinha sido a primeira bilocalização de Franklin a ser testemunhada por não-membros da seita, um dos quais uma profissional com reputação local. E a outra razão era que o paradeiro de Franklin no dia em questão podia ser determinado com exactidão: ele era um conhecido recluso da Penitenciária Estadual da Califórnia e, como Sonja acabara de me confirmar por telefone, ainda lá se encontrava.



A comunidade estava estabelecida nos arredores da aldeia de Caldwell, outrora um centro de exploração mineira de ardósia, agora bastante dependente dos excursionistas diários. Havia uma loja do National Trust no centro da povoação, um clube de póneis, diversas lojas de lembranças e um hotel. Enquanto conduzia pela aldeia, a chuva gelada borrifou o vale obscurecendo os cumes rochosos de ambos os lados.

Parei no centro para tomar um chá, pensando conversar com alguns dos habitantes acerca da Bem-Aventurada Igreja, mas à excepção de mim, o café estava vazio e a mulher atrás do balcão disse-me que vinha todos os dias de Chesterfield.

Enquanto lá estava, pensando se deveria aproveitar a oportunidade para comer alguma coisa antes de continuar, o meu irmão entrou inesperadamente em contacto comigo. A sensação foi tão clara, tão urgente, que voltei a cabeça surpreso, achando que alguém no estabelecimento se dirigira a mim. Fechei os olhos, baixei a cabeça e esperei ouvir mais.

Nenhuma palavra. Nada explícito. Nada a que pudesse responder ou que pudesse anotar ou mesmo traduzir por palavras para mim mesmo. Mas traduziu-se em expectativa, felicidade, excitação, prazer, encorajamento.

Tentei responder: *Para que é isto? Porque estás a dar-me as boas-*

-vindas? Estás a encorajar-me a fazer o quê? Tem alguma coisa que ver com a comunidade religiosa?

Esperei, sabendo que estas experiências nunca assumiam a forma de diálogo, e que por isso fazer perguntas não traria qualquer tipo de resposta, mas tinha esperança de que surgisse outro sinal da sua parte. Tentei alcançá-lo mentalmente, pensando que talvez aquele contacto comigo fosse uma maneira de me fazer comunicar com ele, mas não consegui sentir nada nesse sentido.

A minha expressão deve ter denunciado alguma coisa dos meus sentimentos agitados, porque a mulher atrás do balcão olhava para mim com curiosidade. Bebi o resto do chá, voltei a pôr a chávena e o pires em cima do balcão, sorri educadamente e depois corri para o carro. Quando me sentei e fechei a porta, chegou uma segunda mensagem do meu irmão. Era igual à primeira, uma insistência directa para que eu chegasse, para estar com ele. Era ainda impossível traduzi-la por palavras.

A entrada para a Bem-Aventurada Igreja era um caminho íngreme que se desviava da estrada principal e que estava barrado por um portão de ferro forjado e uma casa de guarda. Havia um portão mais pequeno num dos lados, também fechado, com o sinal PRIVADO. As duas entradas formavam um espaço disponível, por isso estacionei o carro e dirigi-me a pé à casa do guarda. Debaixo do alpendre de madeira havia uma moderna campainha fixada à parede, e abaixo desta estava um aviso:

A BEM-AVENTURADA IGREJA DE JESUS CRISTO DÁ-VOS
AS BOAS-VINDAS
NÃO HÁ VISITAS SEM MARCAÇÃO
PARA MARCAÇÕES LIGAR PARA CALDLOW 393960
VENDEDORES E OUTROS PREMIR A CAMPAINHA DUAS VEZES
JESUS AMA-VOS

Toquei duas vezes à campainha, sem qualquer efeito audível.

Havia alguns panfletos num expositor semifechado, e por baixo estava uma caixa de metal com cadeado que tinha uma ranhura para moedas no topo, firmemente atarraxada à parede. Retirei um dos folhetos, enfiou uma moeda de cinquenta centavos na caixa, depois voltei para o

carro e encostei o traseiro ao guarda-lamas mais próximo enquanto lia o panfleto. A primeira página era uma breve história da seita e tinha uma fotografia do Padre Franklin. As outras três páginas tinham uma selecção de citações bíblicas.

Quando a seguir olhei para o portão de acesso, descobri que se abria silenciosamente através de algum controlo remoto, por isso entrei no carro e conduzi-o pela ladeira coberta de gravilha. Esta curvava à medida que subia a encosta, com um relvado que se elevava com uma ligeira convexidade de um dos lados. Árvores e arbustos ornamentais tinham sido plantados em intervalos, inclinando-se sob o véu de chuva brumosa. Do lado mais baixo havia maciços espessos de arbustos de rododendros. Através do espelho retrovisor reparei no portão a fechar à medida que me afastava dele. Depressa surgiu a casa principal: era um edifício enorme e nada atraente de quatro ou cinco andares, com telhados de ardósia negra e paredes de aspecto sólido e sombrio de tijolo acastanhado e pedra. As janelas eram altas e estreitas e reflectiam apaticamente o céu carregado de chuva. O local causava-me um sentimento gélido e soturno, mas quando me aproximei da zona de estacionamento, senti uma vez mais a presença do meu irmão, apressando-me.

Vi um sinal que dizia VISITANTES e segui por um caminho encostado à parede principal da casa, fugindo às gotas que caíam da hera espessa. Abri uma porta que se encontrava encostada, e entrei num corredor estreito que cheirava a madeira antiga e pó e que me fazia lembrar o corredor principal da escola que eu havia frequentado. Este edifício dava a mesma sensação institucional, mas ao contrário da minha escola, encontrava-se mergulhado em silêncio.

Vi uma porta assinalada como RECEPÇÃO e bati. Como não obtive resposta, espreitei para o interior da sala e verifiquei que estava vazia. Havia duas secretárias de metal de aspecto antigo, numa das quais estava um computador.

Ao ouvir passos regressiei ao corredor, e alguns momentos depois apareceu no patamar das escadas uma mulher magra de meia-idade. Carregava algumas pastas de arquivo. Os seus pés faziam um barulho intenso nos degraus de madeira nua e ela olhou interrogativamente para mim quando me viu ali.

— Estou à procura da Senhora Holloway — disse eu. — É a senhora?

— Sim, sou eu. O que deseja?

Não havia qualquer vestígio do sotaque americano de que eu estava à espera.

— O meu nome é Andrew Westley, e sou do *Chronicle*. — Mostrei-lhe o meu cartão de jornalista, mas ela mal olhou para ele. — Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o Padre Franklin.

— O Padre Franklin está presentemente na Califórnia.

— Assim pensei, mas aconteceu aquele incidente na semana passada...

— A que incidente se refere? — disse a Sra. Holloway.

— Parece que o Padre Franklin foi visto aqui. Nesta casa.

Ela abanou lentamente a cabeça. Estava de costas viradas para a porta que dava para o seu gabinete. — Acho que está enganado, Senhor Westley.

— Viu o Padre Franklin quando ele esteve aqui? — perguntei.

— Não. Ele não esteve aqui. — Ela estava a começar a obstruir a conversa, que era a última coisa que me tinha passado pela cabeça. — Tem estado em contacto com o nosso Gabinete de Imprensa?

— Estão cá?

— Temos um gabinete em Londres. Todas as entrevistas de imprensa são marcadas com eles.

— Pediram-me para vir cá.

— O nosso Gabinete de Imprensa?

— Não... Segundo percebi, foi feito um pedido ao *Chronicle* depois de o Padre Franklin fazer uma aparição. Está a negar que isso tenha acontecido?

— Está a referir-se ao pedido? Ninguém daqui entrou em contacto com o seu jornal. Se se refere ao facto de eu estar a negar a aparição do Padre Franklin, a resposta é sim.

Fitámo-nos mutuamente. Sentia-me dividido entre a irritação para com ela e a frustração para comigo mesmo. Sempre que incidentes como este não corriam bem, eu culpava a minha falta de experiência e motivação. Os outros jornalistas pareciam saber sempre como lidar com gente como a Sra. Holloway.

— Posso ver o encarregado? — perguntei.

— Eu sou a chefe da administração. Todos os outros estão envolvidos com o ensino.

Eu estava prestes a desistir, mas disse: — O meu nome não lhe diz nada?

— Deveria?

— Alguém perguntou pelo meu nome.

— Isso teria partido do Gabinete de Imprensa, não daqui.

— Espere um momento — disse eu.

Voltei ao carro para ir buscar as notas que me tinham sido dadas por Wickham no dia anterior. Fiquei um bocado ao pé da porta do carro, sob a chuva leve, a olhar para o chão enlameado. A Sra. Holloway ainda estava ao fundo das escadas quando regresssei, mas pousara algures o monte de pastas.

Pus-me ao seu lado enquanto tentava encontrar a folha que tinham enviado a Wickham. Era uma mensagem de fax. Dizia: «Para o Sr. L. Wickham, Editor de Conteúdos, *Chronicle*. Os detalhes que pediu são como se segue: Bem-Aventurada Igreja de Jesus Cristo, Caldlow, Derbyshire. A meio quilómetro da aldeia de Caldlow, para norte, na A623. Parqueamento ao pé do portão principal, ou no local. Sra. Holloway, administradora, fornecerá informações ao repórter Sr. Andrew Westley. K. Angier.»

— Isto não tem nada que ver connosco — disse a Sra. Holloway quando acabou de ler. — Lamento.

— Quem é K. Angier? — perguntei. — Senhor, senhora?

— *Ela* é a residente da ala particular no lado oriental deste edifício, e não tem qualquer ligação com a Igreja. Obrigada.

Já tinha posto a mão no meu cotovelo e impelia-me educadamente para a porta. Indicou-me que a continuação do caminho de gravilha me levaria a um portão, onde encontraria a entrada para a ala privativa.

Eu disse: — Lamento se houve um mal-entendido. Não sei como aconteceu.

— Se quer mais informações acerca da Igreja, agradecia que falasse com o Gabinete de Imprensa. É para isso que existe, sabia?

— Sim, está bem. — Chovia agora com maior intensidade, e eu não levava casaco. Disse: — Posso fazer-lhe só uma pergunta? Estão todos ausentes de momento?

— Não, estamos lotados. Há mais de duzentas pessoas em treino esta semana.

— Parece que o lugar está completamente vazio.

— Somos um grupo cuja bem-aventurança é o silêncio. Sou a única pessoa autorizada a falar durante as horas de luz. Tenha um bom dia.

Regressou para dentro do edifício.

...

Decidi telefonar para o escritório, já que era óbvio que a história que me tinham mandado investigar já não existia. Parado debaixo da hera gotejante, observando o chuvisco cerrado que pairava pelo vale, liguei directamente para Len Wickham, cheio de maus pressentimentos. Ele atendeu passado um bocado. Contei-lhe o que tinha acontecido.

— Já viste o informador? — perguntou ele. — Alguém chamado Angier.

— Estou agora mesmo no local — disse eu. E expliquei-lhe o que me parecia estar a passar-se ali. — Não me parece que seja uma história aproveitável. Penso que pode tratar-se apenas de um desentendimento entre vizinhos. Sabe como é, a queixarem-se de alguma coisa. — *Mas não do barulho*, pensei assim que acabei de falar.

Fez-se um longo silêncio.

Depois Len Wickham disse: — Procura o vizinho, e se houver alguma coisa palpável telefona-me. Senão, regressa a Londres ainda esta noite.

— É sexta-feira — disse eu. — Estava a pensar visitar os meus pais esta noite.

Wickham respondeu cortando a ligação.



Fui recebido à porta principal da ala por uma mulher na casa dos sessenta, que tratei por «Sra. Angier», mas ela só tomou nota do meu nome, olhou intensamente para o meu cartão de jornalista e depois conduziu-me a uma sala anexa e pediu-me para esperar. A imponente dimensão da sala, simples mas atraentemente mobilada com tapetes indianos, cadeiras antigas e uma mesa polida, fez-me sentir mal-arranjado com o meu fato amarrotado da viagem e molhado da chuva. Após aproximadamente cinco minutos, a mulher regressou.

— *Lady Katherine* irá recebê-lo agora — disse ela.

Conduziu-me a uma ampla e agradável sala de estar no primeiro andar que tinha vista para uma alta escarpa rochosa do outro lado do vale, naquele momento apenas vagamente visível.

Uma mulher de aspecto jovem permanecia de pé perto da lareira, onde toros ardiam e fumegavam, e estendeu a mão para me cumprimentar quando me aproximei dela. Eu fora apanhado de surpresa pela notícia inesperada de estar a tratar com uma *Lady* Qualquer Coisa, mas os seus modos foram cordiais. Fiquei agradavelmente surpreendido com o seu aspecto. Era alta, de cabelo escuro e tinha um rosto largo com um maxilar inferior saliente. O cabelo caía por forma a suavizar os contornos mais angulosos da cara. Os olhos eram grandes. Havia um nervosismo na sua expressão, como se estivesse preocupada com o que eu pudesse dizer ou pensar.

Cumprimentou-me formalmente, mas assim que a outra mulher saiu da sala, os seus modos alteraram-se. Apresentou-se como Kate, não Katherine, Angier, e disse-me para pôr o título de lado, já que ela própria raramente o usava. Pediu-me para confirmar se era Andrew Westley. Disse que sim.

- Presumo que tenha acabado de estar na parte principal do edifício?
- A Bem-Aventurada Igreja? Mal atravessei a porta.
- Acho que foi culpa minha. Avisei-os de que o senhor estaria para chegar, mas a Senhora Holloway não ficou muito satisfeita.
- Então foi você que enviou a mensagem ao meu jornal?
- Queria conhecê-lo.
- Foi o que imaginei. Mas como me conhece?
- Tenciono contar-lhe. Mas ainda não almocei. E você?

Segui-a até ao rés-do-chão, onde a mulher que me tinha aberto a porta, que *Lady* Katherine tratou por Sra. Makin, estava a preparar uma refeição simples de carnes frias e queijos com salada. Quando nos sentámos, perguntei a Kate Angier porque me fizera ir de Londres até ali, para o que me parecia ser uma caça aos gambozinos.

- Não me parece que seja isso — disse ela.
 - Tenho de apresentar um artigo esta tarde.
 - Bem, talvez isso seja complicado. Come carne, Senhor Westley?
- Passou-me o prato de carnes frias. Enquanto comíamos, desenvolvemos uma conversa educada, durante a qual me fez perguntas acerca do jornal, da minha carreira, onde eu vivia, etc. Eu estava ainda ciente do

seu título, e sentia-me inibido por isso, mas quanto mais falávamos mais fácil se tornava. Ela tinha uma atitude hesitante, quase nervosa, e desviava frequentemente o olhar enquanto eu falava. Reparei que as mãos lhe tremiam sempre que alcançava alguma coisa na mesa. Quando senti finalmente que estava na hora de lhe fazer perguntas de carácter pessoal, ela disse-me que a casa onde nos encontrávamos pertencia à sua família há mais de trezentos anos. A maior parte dos terrenos no vale pertencia à herdade, e algumas quintas estavam arrendadas. O seu pai era o conde, mas vivia no estrangeiro. A mãe morrera, e o único familiar próximo, uma irmã mais velha, estava casada e vivia em Bristol com o marido e os filhos.

O edifício fora uma casa de família, com vários criados, até ao início da Segunda Guerra Mundial. O Ministério da Defesa da altura havia requisitado a maior parte do edifício, utilizando-a como quartel-general regional para o Comando de Transportes da RAF. Nessa altura, a família mudara-se para a ala oriental, que, de qualquer forma, sempre fora a parte da casa de que mais gostava. Quando, após a guerra, a RAF se retirou, a casa foi ocupada por escritórios do Conselho do Condado de Derbyshire, e os actuais inquilinos (palavras suas) chegaram em 1980. Ela disse que os pais haviam, inicialmente, ficado preocupados com a perspectiva da chegada de uma seita religiosa, mas naquela altura a família necessitava do dinheiro e tudo correria bem. O ensino na Igreja era sossegado, os membros eram educados e encantadores de conhecer, e hoje em dia nem ela nem os aldeões se preocupavam com o que eles poderiam ou não fazer. Havia uma rotatividade constante de membros, que chegavam e partiam em autocarros.

Como nesta altura da conversa já tínhamos acabado a refeição e a Sra. Makin nos tinha servido café, eu disse: — Então a história que me fez vir até aqui, sobre um padre estar simultaneamente em dois locais, era falsa?

— Sim e não. O culto não esconde o facto de basear os seus ensinamentos nas palavras do líder. O Padre Franklin é alegadamente um estigmatizado, e é supostamente capaz de se bilocalizar, mas nunca foi visto a fazê-lo por testemunhas independentes, ou pelo menos não em circunstâncias controladas.

— Mas foi verdade?

— Não tenho a certeza. Desta vez estive envolvida a médica local,

que, por alguma razão, falou com um jornal sensacionalista que publicou uma versão louca da história. Só soube disto quando fui à aldeia no outro dia. Não vejo como possa ter sido verdade: o líder deles está numa prisão na América, não está?

— Mas se o incidente aconteceu realmente, tornaria tudo muito mais interessante.

— É mais provável que se trate de uma fraude. Por exemplo, como é que a Doutora Ellis sabe qual é a aparência deste homem? Ela só se pode basear na palavra de um dos membros.

— Você convenceu-nos de que se tratava de uma história genuína.

— O que eu disse é que queria falar consigo. E o facto de o homem se ter bilocalizado era bom demais para ser verdade.

Ela riu-se da forma que as pessoas costumam rir-se quando dizem alguma coisa que acham que os outros vão achar divertida. Eu não fazia a mínima ideia do que é que ela estava a falar.

— Não poderia simplesmente ter telefonado para o jornal? — perguntei. — Ou ter-me escrito uma carta?

— Sim, podia... mas não tinha a certeza de que você fosse quem eu julgava que era. Queria encontrar-me consigo primeiro.

— Não vejo porque achou que um fanático religioso se bilocalizar tinha alguma coisa que ver comigo.

— Foi apenas uma coincidência. Sabe, a controvérsia acerca da ilusão e tudo o resto. — Mais uma vez, olhou para mim de forma expectante.

— Quem achou que eu fosse?

— O filho de Clive Borden. Não é assim? Bisneto de Alfred.

Ela tentou manter os olhos fixos nos meus, mas não conseguiu e desviou-os novamente. A sua atitude evasiva e nervosa criou alguma tensão entre nós, quando não se estava a passar mais nada que a pudesse criar. As sobras do almoço permaneciam entre nós sobre a mesa.

— Um homem de nome Clive Borden era meu pai natural — disse eu. — Mas eu fui adoptado quando tinha três anos.

— Aí tem. Eu estava certa relativamente a si. Conhecemo-nos há muitos anos, quando éramos ambos crianças. Na altura, o seu nome era Nicky.

— Não me recordo — disse eu. — Devia ser muito pequeno. Onde é que isso aconteceu?

— Aqui, nesta casa. Você veio aqui com o seu pai. Não se recorda realmente?

— De todo.

— Tem alguma lembrança de quando tinha essa idade? — perguntou ela.

— Apenas fragmentos. Mas nenhum deste lugar. É o tipo de casa que impressionaria uma criança, não é?

— Está bem. Não é o primeiro a dizer isso. A minha irmã... o nome dela é Rosalie. Ela odeia a casa, e mal pôde esperar para se ir embora. — Virou-se para trás e tocou duas vezes uma sineta que estava em cima de um aparador. — Eu costumo tomar uma bebida a seguir ao almoço. Gostaria de me fazer companhia?

— Sim, obrigado.

A Sra. Makin apareceu passado pouco tempo e *Lady Katherine* levantou-se.

— Senhora Makin, o Senhor Westley e eu vamos estar na sala de estar durante a tarde.

Quando subíamos a larga escadaria, senti um impulso para fugir dela, para sair daquela casa. Ela sabia mais sobre mim do que eu próprio, mas era conhecimento sobre uma parte da minha vida que não me interessava. Este era claramente um dia em que teria de me tornar novamente um Borden, quer quisesse quer não. Primeiro, o livro de sua autoria, e agora isto. Estava tudo relacionado, mas eu sentia que não me identificava com as suas intrigas. Porque haveria de me interessar pelo homem, pela família, que me tinha voltado as costas?

Katherine conduziu-me até à sala onde eu a encontrara primeiro e fechou decididamente a porta quando entrámos. Era quase como se tivesse sentido o meu desejo de escapar e me quisesse prender o máximo de tempo possível. Um tabuleiro de prata com uma série de garrafas, copos e um balde de gelo havia sido colocado numa mesa de apoio entre algumas poltronas e um longo sofá. Um dos copos já tinha bebida, presumivelmente preparada pela Sra. Makin. Kate indicou-me um assento e depois perguntou: — O que deseja?

Na verdade, eu desejava uma cerveja, mas o tabuleiro só tinha bebidas espirituosas. Respondi: — O mesmo que estiver a tomar.

— É *whisky* de centeio americano com soda. Quer?

Eu disse que sim e observei-a enquanto ela fazia a mistura. Quando

se sentou no sofá, dobrou as pernas para cima e bebeu cerca de metade do copo de *whisky* de enfiada.

— Quanto tempo poderá ficar? — perguntou.

— Talvez só até terminar a bebida.

— Há muitas coisas que lhe quero perguntar.

— Porquê?

— Por causa do que aconteceu quando éramos crianças.

— Não me parece que a possa ajudar — disse eu. Ela gostava claramente de beber, e estava habituada ao efeito. Isso ajudou-me a sentir que estava em território familiar; eu passava a maioria dos fins-de-semana a beber com os meus amigos. No entanto, os olhos dela continuavam a desconcertar-me, pois estava constantemente a olhar para mim e a desviar os olhos, fazendo-me sentir que havia alguém atrás de mim que se movia pela sala sem que eu conseguisse ver.

— Uma resposta de uma só palavra a uma pergunta pode poupar muito tempo — disse ela.

— Está bem.

— Tem um gémeo idêntico? Ou tinha um que morreu quando você era muito novo?

Não consegui evitar a minha reacção de susto. Pousei o copo, antes que entornasse mais, e tentei limpar o líquido que se tinha espalhado por cima das minhas pernas.

— Porque pergunta isso?

— Sim ou não?

— Não sei. Acho que sim, mas nunca o consegui encontrar. Quero dizer... não tenho a certeza.

— Acho que me deu a resposta de que eu estava à espera — disse ela. — Mas não a que eu desejava.

— Se isto tem alguma coisa que ver com a família Borden, posso também acrescentar que não sei nada sobre eles — disse eu.

— Sim, mas você é um Borden.

— Eu era, mas isso não significa nada para mim. — Surgiu-me subitamente uma imagem da família daquela jovem mulher, recuando mais de trezentos anos numa sequência ininterrupta de gerações: o mesmo nome, a mesma casa, tudo o mesmo. As minhas próprias raízes fami-

liares recuaram aos três anos de idade. — Não me parece que esteja a perceber o que significa ser-se adoptado. Eu era só um menino, ainda mal sabia andar, e o meu pai expulsou-me da vida dele. Se eu passasse o resto da vida a sofrer por causa disso, não teria tempo para mais nada. Afastei esse pensamento da minha mente há muito tempo porque tinha de o fazer. Agora tenho uma nova família.

— Mas o seu irmão ainda é um Borden.

Sempre que ela mencionava o meu irmão, eu sentia uma pontada de culpa, preocupação e curiosidade. Era como se ela o estivesse a usar para penetrar nas minhas defesas. Durante toda a vida, a existência do meu irmão fora a minha certeza secreta, uma parte de mim que mantinha totalmente privada. Contudo, ali estava uma estranha a falar dele como se o conhecesse.

— Porque está interessada nisto? — perguntei.

— Quando ouviu falar de mim a primeira vez, e viu o meu nome, este disse-lhe alguma coisa?

— Não.

— Já ouviu falar em Rupert Angier?

— Não.

— Ou n'Ó Grande Danton, o ilusionista?

— Não. O meu único interesse na minha família anterior é que através dela talvez consiga um dia localizar o meu irmão gémeo.

Kate tinha estado a bebericar rapidamente o *whisky* enquanto falávamos, e agora tinha o copo vazio. Inclinou-se para a frente para preparar outra bebida e tentou despejar mais para dentro do meu copo. Sabendo que teria de conduzir mais tarde, retirei o copo antes de ela o conseguir encher por completo.

— Acredito que o destino do seu irmão esteja ligado a algo que aconteceu há cerca de cem anos. Um dos meus antepassados, Rupert Angier, diz-me que nunca ouviu falar dele, e não há motivo nenhum para que tivesse ouvido, mas ele foi um ilusionista nos finais do século passado. Actuava sob o nome artístico de «O Grande Danton». Foi vítima de uma série de ataques cruéis por parte de um homem chamado Alfred Borden, o seu bisavô, que era também ilusionista. Diz-me que não tem conhecimento de nada disto? — disse ela.

— Só do livro. Presumo que mo tenha enviado.

— Eles tinham uma espécie de rivalidade, que se prolongou durante

anos. Estavam constantemente a atacar-se mutuamente, geralmente interferindo nos espectáculos um do outro. A história da contenda está no livro de Borden. Pelo menos, o lado dele da história. Já o leu?

— Só me chegou esta manhã à caixa de correio. Não tive muita oportunidade...

— Pensei que ficaria fascinado em saber o que aconteceu.

Pensei novamente: *porquê continuar com os Borden? Já estão muito lá para trás, sei muito pouco acerca deles e eles rejeitaram-me.* Ela estava a falar acerca de algo que lhe interessava, não a mim. Sentia que devia ser educado com ela, e ouvir o que tinha para me dizer, mas do que ela não fazia ideia era da profunda resistência que eu sentia, do mecanismo de defesa que um miúdo constrói quando é abandonado pela família. Para me adaptar à minha nova família, tivera de deitar fora tudo o que sabia da velha. Quantas vezes teria de lho dizer para que ela se convencesse?

Dizendo que me queria mostrar uma coisa, Kate pousou o copo e atravessou a sala até uma secretária que estava encostada à parede mesmo atrás de mim. Quando se inclinou para abrir uma gaveta mais baixa, o vestido folgou na zona do pescoço e eu tive uma rápida visão: uma alça branca estreita, parte de um *soutien* de renda e a curva superior do seio anichado. Ela precisava de alcançar o interior da gaveta, e isso fê-la virar-se para poder esticar o braço, e eu vi os contornos esbeltos das suas costas, as alças tornando-se novamente visíveis através do tecido fino do vestido, depois o cabelo deslizando para a frente do rosto. Ela estava a tentar envolver-me numa coisa que me era totalmente desconhecida, mas eu estava mais interessado em tirar-lhe as medidas, pensando ociosamente como seria fazer sexo com ela. Sexo com uma senhora respeitável; era o tipo de piada semiengraçada que os jornalistas na redacção fariam. Para o melhor ou para o pior, tratava-se da minha vida, mais interessante e problemática para mim do que toda esta conversa de antigos mágicos. Ela perguntara-me em que zona de Londres é que eu vivia, e não com quem é que eu vivia em Londres, por isso não lhe dissera nada sobre a Zelda. A louca e extravagante Zelda, com o cabelo curtinho e o brinco no nariz, as botas da tropa e o corpo de sonho, que três noites antes me dissera que queria uma relação aberta e que me abandonara às onze e meia da noite, levando muitos dos meus livros e a maior parte dos meus discos. Não a vira desde então e começava a ficar preocupado, muito embora ela já tivesse feito uma coisa deste estilo noutra ocasião.

Eu queria fazer perguntas a esta distinta senhora sobre Zelda, não porque estivesse interessado no que pudesse dizer, mas porque a Zelda pertence à minha realidade. Como acha que poderei ter a Zelda de volta? Ou, como poderei sair do trabalho no jornal sem parecer estar a rejeitar o meu pai? Ou, onde irei viver se a Zelda me deixar de vez, porque se trata do apartamento dos pais dela? De que irei viver se não tiver emprego? E se o meu irmão existe realmente, onde é que ele está e como o posso encontrar?

Qualquer uma destas questões era mais importante para mim do que a notícia de uma rivalidade entre bisavôs de quem nunca ouvira falar. No entanto, um deles escrevera um livro. Talvez fosse interessante saber mais sobre o assunto.

— Não pego nisto há eras — disse Kate, numa voz ligeiramente abafada pelo esforço de chegar dentro da gaveta. Retirara uns álbuns de fotografias e empilhara-os no chão enquanto tentava alcançar o fundo da gaveta. — Aqui está.

Tinha nas mãos um molho de papéis, aparentemente velhos e desbotados, todos de tamanhos diferentes. Espalhou-os no sofá ao seu lado e pegou no copo antes de começar a examiná-los.

— O meu bisavô era um daqueles homens obsessivamente organizados — disse ela. — Não só guardava tudo como classificava as coisas, fazia listas, tinha armários em que guardava especificamente determinado tipo de coisas. Quando eu era criança, os meus pais diziam-me que eram «as coisas do avô». Nunca lhes tocávamos, e nem estávamos até autorizados a ver. Mas a Rosalie e eu não conseguíamos resistir a mexer nalgumas coisas. Quando ela se casou e se foi embora, e eu fiquei aqui sozinha, revistei finalmente tudo e fiz uma arrumação. Consegui vender alguns dos aprestos e fatos, e consegui bons preços. Encontrei estes folhetos de espectáculos na sala que tinha sido o seu gabinete.

Enquanto conversava comigo ia examinando cuidadosamente os folhetos, e passou-me uma folha de papel frágil e amarelado. Tinha sido dobrada e desdobrada inúmeras vezes, e os vincos estavam desgastados e quase a rasgar. O folheto publicitava o *Empress Theatre* na *Evening Road*, *Stoke Newington*. Acima de uma lista de artistas anunciava um número limitado de actuações, tardes e noites, de 14 a 21 de Abril. («Veja os Anúncios nos Jornais para mais Pormenores.») No topo do folheto, impresso a vermelho, estava um tenor irlandês de nome Den-

nis O'Canaghan («Encha o Coração com a Alegria da Irlanda»). Outros actos incluíam as Irmãs McKee («Um Trio de Encantadoras Cantoras»), Sammy Renaldo («Cócegas, Vossa Alteza?») e Robert e Roberta Franks («Recitação por Excelência»). A meio do folheto, indicado pelo dedo de Kate, que se inclinava em minha direcção, estava O Grande Danton («O Maior Ilusionista do Mundo»).

— Isto foi antes de ele o ser realmente — disse ela. — Ele passou a maior parte da vida com necessidades, e só se tornou realmente famoso alguns anos antes de morrer. Este folheto é de 1881, quando ele estava a começar a ter sucesso.

— O que significa tudo isto? — perguntei, apontando para uma coluna de números escritos a tinta na margem do folheto. Havia mais escritos nas costas.

— Isso é o que eu chamo «O Obsessivo Sistema de Arquivo d'O Grande Danton» — disse ela. Afastou-se do sofá e ajoelhou-se sem cerimónia no tapete ao lado da minha poltrona. Inclinando-se de forma a ver o papel que eu tinha na mão, disse: — Ainda não consegui perceber tudo, mas o primeiro número refere-se ao trabalho. Há algures um livro de registo, com uma lista completa de todas as suas actuações. Por baixo desse, ele toma nota de quantas actuações levou a cabo, quantas foram *matinéés* e quantas foram *soirées*. Os números seguintes são uma lista dos truques que ele executou, e mais uma vez ele tinha cerca de uma dúzia de cadernos de apontamentos no gabinete com as descrições de todos os truques que conseguia fazer. Eu ainda tenho aqui alguns desses cadernos, e você poderia provavelmente ver alguns dos truques que ele realizou naquela semana em Stoke Newington. Mas é ainda mais complicado do que isto, porque muitos dos truques têm pequenas variações, e ele tem-nas também todas referenciadas. Veja, este número aqui, «10g». Acho que é quanto ele ganhava: dez guinéus.

— Isso era bom?

— Se fosse numa só noite, era magnífico. Mas muito provavelmente era pela semana toda, por isso era mediano. Não me parece que este fosse um grande teatro.

Peguei no maço com todos os outros folhetos e, tal como ela dissera, cada um estava anotado com códigos numéricos semelhantes.

— Todos os seus aparatos estavam também registados — disse ela. — Às vezes pergunto-me como é que lhe sobrava tempo para correr o

mundo e ganhar a vida! Mas quando eu estava a limpar a cave, todas as peças de equipamento com que me deparei tinham um número de identificação, e cada uma tinha um lugar num enorme índice, todas com notas remissivas para os outros livros.

— Talvez ele tivesse alguém que fizesse isso por ele.

— Não, está tudo anotado com a mesma letra.

— Quando é que ele morreu? — perguntei.

— Na verdade, por mais estranho que pareça, há alguma dúvida quanto a isso. Os jornais dizem que ele morreu em 1903, e houve um obituário no *The Times*, mas há pessoas na aldeia que dizem que ele ainda aqui vivia no ano seguinte. O que me parece estranho é que encontrei o obituário no álbum de recortes que ele guardava, e estava colado, numerado e indexado, tal como o resto das outras coisas.

— Consegue explicar como aconteceu isso?

— Não. Alfred Borden fala disso no seu livro. Foi aí que tomei conhecimento do facto, e depois tentei descobrir o que acontecera entre eles.

— Tem mais coisas destas?

Enquanto ela se esticava para alcançar os álbuns de recortes, eu servi-me de mais *whisky* americano, que nunca provara e que estava a descobrir de que gostava. Também gostava de ter Kate agachada no chão ao lado das minhas pernas, virando a cabeça para olhar para mim enquanto falava, inclinando-se na minha direcção. Era um pouco estranho estar ali, sem perceber muito bem o que se estava a passar, a falar de mágicos, encontros de infância, e não a trabalhar como deveria e a caminho da casa dos meus pais como havia planeado.

Naquela parte da minha mente ocupada pelo meu irmão, senti uma espécie de contentamento, diferente de tudo o que já sentira dele. Ele queria que eu ficasse.

Lá fora, o céu da tarde fria estava a escurecer, e a chuva penina continuava a cair. Uma corrente de ar gelada entrava persistentemente pelas janelas. Kate atirou mais um toro para a lareira.